



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS
PROJETO SEGUNDO TEMPO**

**ADRIANA TELES DE ANDRADE
(depoimento)**

2010

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias – Segundo Tempo

Número da entrevista: E-170

Entrevistado: Adriana Teles de Andrade

Nascimento: 03/05/1974

Local da entrevista: FUNESP – Fundação Municipal de Esporte – Campo Grande/MS

Entrevistadora: Márcia Luiza Machado Figueira

Data da entrevista: 26/07/2010

Transcrição: Tuany Defaveri Begossi

Conferência Fidelidade: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Copidesque: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Pesquisa: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Fitas: (01 fita) 170/01-A

Total de gravação: 10 minutos

Páginas Digitadas: 6

Catálogo: Luciane Silveira Soares

Registro: Vera Maria Sperandio Rangel

Número de registro: 02151/2010/01

Nº da fita: 02160/2010/01

Observações: A entrevista está gravada junto com a E-169, de Júlio Márcio Sandim da Silva. Após a leitura, a entrevistada alterou alguns trechos do depoimento.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

ANDRADE, Adriana Teles de. *Adriana de Andrade (depoimento, 2010)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2010.

Sumário

Início do envolvimento com o Programa Segundo Tempo; trabalho junto ao Centro de Referência de Assistência Social (CRAS); opinião sobre a estruturação do Programa Segundo Tempo: pontos positivos, limites; processo de capacitação; contribuição do PST para a inclusão social; Projeto Recreio nas Férias.

M.F. – Então, Adriana Teles de Andrade é coordenadora do Projeto do núcleo do Segundo Tempo. E no Recreio¹, você é o quê mesmo?

A.A. – Diretora de pólo.

M.F. – Adriana, eu queria saber como é que você conheceu o Programa Segundo Tempo? Como é que ele entra na tua vida? Tua relação com ele.

A.A. – Bom, eu conheci o Programa em 2005 em uma Escola Estadual que eu trabalhava e o diretor me ofereceu a coordenação desse Programa que eu não conhecia. Assumi a coordenação do PST em 2005, onde tive a oportunidade de fazer uma especialização em esporte escolar pela UNB² oferecida pelo PST aos coordenadores. Coordenei-o em 2005, 2007 e agora em 2010. Vejo no PST muitas oportunidades para os profissionais e para as crianças, é um grande aprendizado.

M.F. – E ele acontece na tua escola?

A.A. – Hoje não. Ele aconteceu em 2005 na escola. Em 2007 e agora em 2010 estou em um CRAS (Centro de Referência à Assistência Social) que atende crianças e adolescentes em contra turno escolar.

M.F. – E onde fica esse centro?

A.A. – O CRAS fica na região urbana do Imbirussu em um bairro em desenvolvimento chamado Jardim Aeroporto. Grande parte das famílias é de baixa renda e recebem algum tipo de benefício do governo como vale renda e bolsa família.

M.F. – Como é a estrutura desse espaço?

¹ Projeto integrante do Programa Segundo Tempo que tem como finalidade oferecer às crianças e adolescentes do programa, no período de férias escolares, opções de lazer por meio do desenvolvimento de atividades lúdicas, esportivas, culturais, sociais e turísticas.

² Universidade de Brasília.

A.A. – A estrutura do CRAS é muito boa, nós temos o ginásio de esportes, salas de aula, tem refeitório para as crianças. Então, a estrutura física do local é muito boa.

M.F. – Certo. E o atendimento de vocês, é o pessoal do bairro, do entorno, ou atende o pessoal [palavra inaudível]?

A.A. - É do bairro. É ali da região, não só do bairro, mas dos bairros vizinhos, porque, como é em contra turno escolar e o PST não tem o transporte, não proporciona esse transporte para as crianças. Aqueles que moram mais afastados geralmente participam de projetos na sua região. Então, são pessoas do bairro, comunidade mesmo.

M.F. – Qual sua visão sobre a estruturação do PST? Como que você vê isso? Os eixos dele, os núcleos Qual é o teu olhar sobre a estrutura do Programa [trecho inaudível]?

A.A. – Eu vejo que esse ano melhorou muito a questão do acompanhamento aos núcleos, porque, quando eu comecei, era uma coisa meio solta. O Projeto é muito bom, a estrutura em si, o que está no papel é muito bom, uma proposta excelente, mas, às vezes, não era isso que nós víamos funcionando. Então, esse ano, com a administração da FUNESP³, eu achei que melhorou muito, porque eles dão mesmo suporte para nós, acompanham realmente o Projeto. Ficou uma coisa séria realmente, se fazendo realizar o que está no papel. O mais gratificante é ver a nossa importância na vida das crianças e adolescentes atendidos pelo PST, porque a grande maioria não tem outras oportunidades além do PST e de praticar uma modalidade esportiva ou de diversão, de lazer, de recreação. Então, é muito bom esse Projeto. E, esse ano, eu vejo que melhorou muito com a administração da FUNESP e espero que ele continue e melhor a cada ano.

M.F. – Você falou os pontos positivos. Tem alguns pontos negativos do Programa? Você consegue ver os limites do programa ou você acha que já foram superados?

A.A – Olha, eu acho que hoje foi superada muita coisa, principalmente, a questão do suporte aos coordenadores e monitores que nós temos hoje. Eu acho que o que ainda

³ Fundação Municipal de Esporte. Prefeitura Municipal de Capo grande, Mato Grosso do Sul.

precisa melhorar no PST é a qualidade do material. O material que nós recebemos para trabalhar, principalmente as bolas, não é de boa qualidade.

M.F. – Na sua opinião, o que é possível fazer para qualificar ainda mais o projeto? Você acha que é só a questão do material?

A.A. – A questão do material e acompanhamento pedagógico no sentido das capacitações do Ministério ser realizadas com antecedência. Por exemplo, no Recreio, nós ficamos meio perdidos, porque nós tivemos uma capacitação muito em cima e não tivemos muito tempo para reunir a equipe que iria trabalhar no local. Até coloquei isso na minha avaliação. Então, eu acho que deveria ter um tempo maior para a preparação dos monitores, dos coordenadores, para nós não sermos pegos de surpresa por algumas situações.

M.F. - E você já participou de algum processo de capacitação?

A.A. - Sim.

M.F. – Como é que foi? Onde é que foi? Qual é a tua avaliação desses processos?

A.A. – Esse é o terceiro ano que eu coordeno o PST. Nos outros anos nós tínhamos capacitação, só que era uma capacitação local, na qual os próprios gestores do Programa na cidade capacitavam os coordenadores. E, esse ano teve tanto a capacitação local como do Ministério. Esse ano veio uma equipe do Ministério do Esporte fazer uma capacitação com os coordenadores, que foi muito bom. Foram quatro dias de capacitação, nos quais nós ficamos em um hotel, aqui em Campo Grande⁴ mesmo e abordou vários temas do PST, principalmente, a parte pedagógica que foi bem interessante. Na ocasião estava presentes também um grupo de coordenadores de Tocantins⁵ onde foi possível a troca de experiências. Então, nesse termo de capacitação, nós estamos tendo maior suporte, mas como citado anteriormente, a questão do tempo que para mim deveria ser com antecedência, pois o PST começou em outubro de 2009 e a capacitação do Ministério foi em maio de 2010.

⁴ Capital do Estado do Mato Grosso do Sul.

⁵ Estado brasileiro.

M.F. – E a tua avaliação dessa capacitação é boa?

A.A. - É boa. Foi bem rico o conteúdo, apesar de cansativo, porque foi quatro dias, período integral, mas foi bem produtivo o conteúdo que eles nos passaram. Ajudou bastante na proposta pedagógica que nós elaboramos, cada coordenador de núcleo, fez a sua. Então, auxiliou muito.

M.F. – E qual é a contribuição do PST que você acha para a inclusão social? Você acha que realmente atende a essa proposta do Projeto? Enquanto Projeto, realmente, atende?

A.A. – Eu acredito que sim, como eu falei para você, o PST é, para muitos dos nossos alunos, a única oportunidade de se incluir socialmente, porque são crianças que, geralmente, ficam sozinhas em casa, que os pais saem para trabalhar. Então, eles buscam no PST essa oportunidade de estar participando de atividades esportivas, de estar interagindo com um grupo social e sem contar que tira muito os riscos sociais dessas crianças também, porque, ao invés dela ficar na rua, ela está conosco, aprendendo alguma coisa. E nós trabalhamos muito no PST, pelo menos no meu núcleo, a questão de valores, como respeito, solidariedade, mostrar para ele que ninguém vive sozinho, que um depende do outro. Então, nós trabalhamos muito essa questão. E, lá, nós não temos quase violência entre eles, agressão. Até tem, mas é muito pouco. Já tem melhorado muito a questão dos valores mesmo. Então, além da inclusão, de ele estar participando de alguma coisa, ele tem esse aprendizado de valores, de respeito, de companheirismo, que nós fazemos. É o eixo do nosso trabalho lá, porque lá, eu converso muito com os meus monitores, eu não me preocupo que eles não aprendam a técnica com perfeição, os limites de cada um são respeitados, eu não trato os meus alunos como atletas. Então, por isso que eu enfatizo mais nessa questão social mesmo, de valores, de respeito, de convivência. Trabalhamos muito isso. Não que nós não ensinamos o esporte. Ensinamos, mas de uma forma mais lúdica, mais tranquila. Não é uma escolinha...

M.F. – É outra dimensão...

A.A. – É outra visão que eu tenho do Programa e que eu trabalho dessa forma lá no meu núcleo, porque, dependendo da proporção, da direção que se dá ao esporte, ao invés de incluir, você pode excluir.

M.F. – Eu acredito que, quando se trata de inclusão social, a natureza é um pouco essa mesmo.

A.A. – É. Eu acredito que sim, porque o treinamento sim é a técnica com perfeição no qual participam apenas os melhores, mas, as atividades do PST e as próprias aulas de Educação Física, devem ser para todos, respeitando os limites de cada um e isso gera algumas discussões.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

M.F. – Em relação ao Projeto Recreio nas Férias⁶.

A.A. – Aconteceu no núcleo que eu coordeno, situado no CRAS, no Jardim Aeroporto⁷. Participaram 209 crianças e adolescentes na faixa etária de sete a dezesseis anos, 114 meninos e 95 meninas. Com o frio intenso, pensou-se que não teria muita participação, mas foi grande a participação. As atividades foram variadas. Além da oferta de esportes, como vôlei, basquete, futsal, foi ofertado os jogos populares: amarelinha, cordas, salto com elástico, rouba-bandeira, atividades manuais (pintura e modelagem), peteca, dança. Uma das ações que foi muito importante foi o passeio, embora trabalhoso e difícil de escolher, pela quantidade de crianças a participar. Decidiu-se pela visita a Base Aérea de Campo Grande. Na Base Aérea, eles foram bem recebidos. Conheceram as instalações, museu, mini-zoológico, assistiram palestra, puderam ver de perto os aviões de caça e presenciaram uma decolagem. Esta experiência, embora singular, para estas crianças, foi muito importante. Elas ocuparam um lugar de cidadãos que podem conhecer espaços de sua cidade e que, se não fosse nessa ocasião, não teriam outra oportunidade. Nesse sentido é que o Projeto nos mostra a proposta de incluir, por meio da proposta do Recreio nas Férias, dos espaços da periferia, poderem sair para “além” do bairro e conhecer a cidade que

⁶ A entrevista continuou por telefone.

⁷ Na cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

habitam. A atividade cultural foi contemplada com apresentação de músicos e de grupos de dança dos próprios alunos, além da apresentação de adestramento de cães da PM⁸. Este ano, o Recreio, por ter a participação e parceria da Fundação Municipal de Esporte e o acompanhamento da equipe da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, foi muito bem organizado e orientado. As deficiências não são perceptíveis. Só acho que a preparação pode ser mais cedo, pois ficou um pouco em cima das datas. Mas estamos muito contentes. O PST, de modo geral, está melhor, mais sério pedagogicamente.

M.F. - Obrigada.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

⁸ Polícia Militar.